ATOS DE TOMÉ

Coleção **Apocrypha**

Coodenação de Paulo Nogueira

- *O Apocalipse siríaco de Daniel*, Marcus Vinicius Ramos
- *Atos apócrifos de Pedro*, Valtair Afonso Miranda
- *José e Asenet*, Everson Spolaor
- *Atos apócrifos de André*, Jonas Machado
- *Atos de Tomé*, José Adriano Filho

ATOS DE TOMÉ

INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO
DE JOSÉ ADRIANO FILHO

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial
Pe. Sílvio Ribas

Coordenação editorial
Paulo Bazaglia

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Coordenação de arte
Rodrigo Moura de Oliveira

Preparação do original
André Tadashi Odashima

Diagramação
Karine Pereira dos Santos

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Adriano Filho, José
Atos de Tomé / José Adriano Filho. — São Paulo: Paulus, 2021. - Coleção Apocrypha
ISBN 978-65-5562-296-6

1. Livros apócrifos 2. Bíblia N. T. 3. Evangelho de Tomé I. Machado, Jonas II. Série

CDD 229.925
21-2541 CDU 229.92

Índice para catálogo sistemático:
1. Atos apócrifos dos apóstolos

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-296-6

Apresentação

Atos de Tomé, junto com os Atos de André, de João, de Paulo e de Pedro, compõe o *corpus* dos cinco Atos Apócrifos. O livro, que sobreviveu em duas versões principais – a siríaca e a grega – e teve ampla circulação nessas duas esferas linguísticas, tem como componente maior a narrativa das aventuras do apóstolo Tomé, que prega um tipo ascético de cristianismo no caminho para a e na Índia. Como os demais Atos Apócrifos, que utilizam criativamente a história ao recontar a Tradição dos apóstolos e suas façanhas públicas, a narrativa combina lendas populares, propaganda religiosa e ensino.

O apóstolo, chamado de "Tomé", "Judas Tomé", "Judas, irmão gêmeo de Jesus", é apresentado como quem recebe e é mediador de revelações especiais: "Irmão gêmeo de Cristo, apóstolo do Altíssimo e iniciado nas palavras secretas de Cristo, que recebeste os seus ditos secretos, cooperador do Filho de Deus, que, embora livre, te tornaste servo e, vendido, conduziste muitos à liberdade" (At Tm 39). Os nomes que lhe são atribuídos, utilizados também na antiga versão siríaca de João 14,22 e na lenda de Abgar, indicam que, na Síria Oriental, Judas, o irmão do Senhor e de Tiago, era identificado e considerado como irmão gêmeo de Jesus e chamado de Tomé Dídimo (João 20,24).

Nessa região, cujo centro era Edessa, houve o desenvolvimento de uma forma de cristianismo na qual o motivo dos "gêmeos" era um fator constitutivo. Clemente de Alexandria e Orígenes se referem também a uma tradição que sugere uma conexão do apóstolo Tomé com a Pártia, baseada na forte ligação do apóstolo com Edessa, que era parte do

Império Parta durante os dois primeiros séculos d.C. É provável que Edessa, ou até mesmo Nísibis, também localizada na Síria Oriental, uma cidade fronteiriça entre os impérios Romano e Sassânida, ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente e importante centro comercial e político, seja o local de origem de Atos de Tomé, escrito por volta do século III. Atos de Tomé une o motivo dos gêmeos e da família com a retórica cristã e constrói uma história da missão apostólica no Oriente.

Desenvolvimento narrativo

Atos de Tomé contém treze Atos, mais o relato do martírio do apóstolo (At Tm 159-171). Os trezes Atos podem ser divididos em duas grandes partes: Atos 1–8 e 9–13. Os episódios da primeira parte (At Tm 1-81), nos quais se destacam as realizações de Tomé, têm pouca conexão entre si e podem ser lidos como narrativas independentes. No primeiro Ato (At Tm 1-16), que relata a distribuição da terra aos apóstolos como áreas de missão, coube a Tomé a tarefa de evangelizar a Índia, mas sua recusa em se mudar para esse país tem um antecedente bíblico: Jonas. Tomé, contudo, é vendido por seu irmão Jesus como escravo a um mercador indiano a serviço do rei Gundafor.

Nos demais Atos da primeira parte do livro, os motivos da construção do palácio e do jumentinho falante retomam temas do conto maravilhoso e de ideias populares. As narrativas do demônio que ama uma mulher e a tortura até ser expulso pelo apóstolo, do assassinato de uma jovem, logo ressuscitada, geralmente finalizam com a celebração do batismo e da Eucaristia, um padrão narrativo que se assemelha ao enredo do romance grego antigo, mas com algumas diferenças, pois, na narrativa de Atos de Tomé, o demônio ama a mulher, mas o amor e o casamento próprios do romance não são, necessariamente, parte da história apresentada.

A narrativa da jovem que foi morta por um rapaz e sua viagem aos abismos retoma motivos religiosos e literários tradicionais; em especial, as jornadas ao mundo inferior, que já haviam assumido formas literárias há muito tempo.

A segunda parte do livro (At Tm 82-158) é localizada na corte do rei Misdeu e apresenta uma composição mais integrada. Ela é interrompida apenas pelo Hino da Pérola (At Tm 108-113) e está ligada à primeira parte pela presença de Sifor, o chefe do exército do rei Misdeu. A tensão dramática desta parte do livro se intensifica na medida em que a mensagem anunciada pelo apóstolo é aceita pelas esposas de Carísio e Misdeu, Migdônia e Tércia, duas mulheres da classe alta, resultando na ruptura do casamento e dos costumes sociais, para a consternação de seus maridos poderosos. A esposa de Misdeu, seu filho, sua nora e o chefe do exército tornam-se leais e obedientes ao apóstolo estrangeiro, e não mais ao rei. Tomé é encarcerado, mas não está confinado pela autoridade terrestre. Essa tensão é resolvida somente com o martírio do apóstolo (At Tm 159-171).

Além do relato do martírio de Tomé, os treze Atos que compõem o livro são os seguintes:

Primeiro Ato (1-16): Tomé, destinado a pregar na Índia, nega-se a cumprir a sua missão. Jesus se manifesta a ele e o vende ao mercador Abão, enviado pelo rei da Índia, Gundafor. A caminho da Índia, Abão e Tomé chegam a uma cidade onde era celebrado o casamento da filha do rei. Após a pregação de Tomé, o noivo e a noiva decidem viver em castidade.

Segundo Ato (17-29): Ao chegar à Índia, o rei Gundafor pede a Tomé para construir um palácio. Tomé distribui o dinheiro que o rei lhe dera para a construção do palácio aos pobres e necessitados. O rei, ao saber disso e crendo-se enganado, planeja a morte de Tomé. Gad, irmão do rei, morre e comprova que o rei tinha um palácio no céu, construído pelo

apóstolo. Gad volta à terra e pede para comprar o palácio do seu irmão. Gad e Gundafor se convertem, são batizados e participam da Eucaristia.

Terceiro Ato (30-38): Tomé encontra o corpo de um jovem morto por uma serpente. A serpente conta a Tomé que se apaixonara por uma mulher bonita, que era beijada pelo jovem e tinha relações sexuais com ele. A serpente mata o jovem, mas Tomé a obriga a sugar o veneno do corpo do jovem falecido. O jovem ressuscita e a serpente explode.

Quarto Ato (39-41): Enquanto Tomé ia pelo caminho, um jumentinho se aproxima dele e diz: "Fui agora enviado para que possas descansar, assentando-se sobre mim". Ao chegar à entrada da cidade, o apóstolo desce do jumentinho, e este morre.

Quinto Ato (42-50): Um demônio morava numa mulher e não queria deixá-la. Contra a vontade da mulher, o demônio abusava sexualmente dela com frequência. A mulher pede socorro ao apóstolo, que a liberta do demônio e lhe administra o batismo e a Eucaristia.

Sexto Ato (51-61): Um rapaz mata uma jovem, mas, ao participar da Eucaristia, tem as suas mãos paralisadas. O rapaz conta ao apóstolo que matara a jovem porque ela não queria compartilhar com ele a vida de castidade que ele anunciava. Tomé o repreende, cura e faz com que ele ressuscite a jovem. A jovem ressuscitada conta o que viu nos abismos.

Sétimo Ato (62-67): Tomé anunciava o Evangelho na Índia, e Sifor, o chefe do exército do rei Misdeu, se aproxima de Tomé e lhe suplica que cure sua esposa e filha, pois ambas eram atormentadas por demônios. O apóstolo acompanha o chefe do exército.

Oitavo Ato (68-81): A caminho da cidade, os animais do carro de Sifor ficam cansados. Tomé pede a Sifor que chame

quatro asnos selvagens de um grupo que pastava no campo e os atrela ao carro. Ao chegarem à cidade, o apóstolo manda um dos asnos selvagens discutir com os demônios que atormentavam as mulheres. Após o debate do asno selvagem com os demônios, Tomé cura as mulheres e despede os asnos selvagens.

Nono Ato (82-118): Migdônia, a esposa de Carísio, parente do rei Misdeu, ouve a pregação de Tomé e se converte a uma vida de santidade. Ela se nega a ter relações sexuais com seu esposo, provocando a sua ira. Carísio se queixa ao rei, Tomé é preso, mas Migdônia não recua da sua decisão. Na prisão, Tomé canta o Hino da Pérola.

Décimo Ato (119-133): Tomé deixa a prisão para batizar Migdônia. Rito batismal e celebração da Eucaristia. Debate de Carísio e Misdeu com Migdônia e Tomé. O rei pede a Tomé que convença Migdônia a voltar para o seu marido.

Décimo primeiro Ato (134-138): Misdeu recorre à sua esposa Tércia para convencer Migdônia a voltar para o seu marido. Tércia ouve a pregação do apóstolo, convertendo-se também à castidade, com a consequente desolação do seu marido.

Décimo segundo Ato (139-149): Antes do julgamento, Vazan, filho do rei, quer libertar o apóstolo, preso e submetido ao julgamento. Na companhia da família de Sifor, ele ouve a pregação de Tomé. Vazan se converte, e Tomé é condenado.

Décimo terceiro Ato (150-158): Na prisão, Vazan diz a Tomé que era casado, mas era um casamento de total castidade com sua esposa Mnesara. Novos milagres ocorrem, as portas da prisão são abertas, Tomé e seus amigos vão à casa de Vazan, e Mnesara é curada milagrosamente. Celebração da Eucaristia após o batismo de Vazan, Mnesara e Tércia.

Relato do martírio (159-171): Judas Tomé retorna para a prisão. Os guardas se queixam ao rei do perigo de manter

preso um mago que entra e sai da prisão facilmente. O rei interroga o apóstolo sobre sua pessoa e ensino e o condena à morte. Antes da sua morte, Tomé nomeia Sifor como presbítero e Vazan como diácono. O filho do rei é curado com o pó retirado do túmulo do apóstolo. O rei se torna membro da comunidade cristã.

Presença e tipologia das escrituras

Atos de Tomé apresenta o "irmão gêmeo de Jesus" como um eco da narrativa da vida de Cristo. O apóstolo opera maravilhas, ressuscita mortos e usa os sacramentos para curar pessoas atormentadas pelo demônio. O relato da visita de Migdônia a Tomé na prisão é um eco do encontro de Maria Madalena com o Cristo ressurreto. Migdônia não reconhece Tomé, que lhe diz: "Não temas, Migdônia: Jesus não te abandonará, nem o Senhor, a quem entregaste a tua alma, te esquecerá" (At Tm 119). A sua invocação – "Meu Senhor e meu Deus, sem dúvida alguma ou falta de fé, eu te invoco, pois és sempre o nosso socorro, defensor e restaurador" (At Tm 81) – o identifica de forma diferente do Tomé de João 20,26-28. O Senhor todo-poderoso se torna também um escravo para redimir a humanidade e vende seu irmão gêmeo, nascido livre, para promover sua missão.

O comportamento de Tomé, estabelecido com palavras familiares da oração do Senhor: "Seja feita a tua vontade" (At Tm 3; 30; 144), indica que um apóstolo deve fazer a vontade do Senhor. Ele é também identificado com Cristo num dos sumários de suas realizações: "A fama do apóstolo se espalhou por todas as cidades e aldeias, e todos os que tinham doentes ou perturbados por espíritos impuros os traziam, os colocavam no caminho por onde ele ia passar, e todos eram curados no poder do Senhor [...]". "Olha para nós, pois, por tua causa, deixamos nossas casas e bens paternos e, por tua

causa, de bom grado e de boa vontade, nos tornamos estrangeiros. [...] Olha-nos, Senhor, porque deixamos nossos parentes para unirmo-nos à tua família. [...] Olha para nós, Senhor, pois, por tua causa, abandonamos nossos cônjuges corporais e nossos frutos terrenos, para que possamos compartilhar a comunhão permanente e verdadeira e produzir frutos verdadeiros [...] nos quais permanecemos e eles permanecem em nós" (At Tm 59-61).

Um demônio, prestes a ser expulso, apela a Tomé com a linguagem das Escrituras: "O que temos a ver contigo, conselheiro do santo Filho de Deus? Por que queres nos destruir, se ainda não chegou o nosso tempo? Por que queres tomar nosso poder?" (At Tm 45; Mt 8,29). Outro demônio, ao ser expulso, diz à mulher que possuía: "'Eu te deixo, minha bela consorte, a quem encontrei há muito tempo e em quem encontrei descanso [...]'. E erguendo a sua voz, disse: 'Fica em paz, pois encontraste refúgio em alguém que é maior do que eu. Eu irei e procurarei alguém igual a ti e, se não encontrar, retornarei a ti novamente'" (At Tm 46). A promessa de retorno do demônio combina com a descrição das ações dos demônios dos relatos evangélicos: "Pois, como vieste evangelizar, eu vim para destruir, e, também, se não fizeres a vontade de quem te enviou, ele te castiga, assim também, se não faço a vontade daquele que me enviou, voltarei à minha própria natureza antes do tempo e propósito designados" (At Tm 76).

Inversão de valores

O cristianismo que Tomé apresenta inverte os valores da sociedade. A missão cristã provoca o caos, mas transforma a desordem em ordem. A narrativa apresenta cenas de casamentos destruídos, esposas que fogem de seus maridos, mulheres mortas que retornam do mundo inferior e animais que, ao falar, revelam conhecimento das coisas ocultas.

Tomé cura e exorciza como Cristo e as pessoas os confundem um com o outro. Tomé, um carpinteiro como Cristo, prega e compartilha refeições com seus discípulos depois de curá-los. A narrativa estabelece também contrastes entre o corruptível e o incorruptível, reis e servos, o demoníaco e esta terra *versus* o divino e o celestial, homens e mulheres, a conversão do coração e a cura do corpo.

Tomé vence o mundo por meio de seu Deus. Ele unifica pessoas e comunidades fragmentadas. Dois personagens bíblicos não humanos também se contrastam: a serpente, filha da serpente de Gênesis, e o jumentinho falante, herdeiro de jumentos nobres da narrativa bíblica. A serpente descreve a sua participação nos eventos maus da história bíblica: "Eu sou um réptil, da natureza de um réptil [...]. Eu sou aquele que entrou no paraíso através da cerca e disse a Eva o que meu pai me ordenou que lhe dissesse. Eu sou aquele que inflamou e incendiou Caim para matar o próprio irmão [...]. Eu sou aquele que endureceu o coração do faraó para matar os filhos de Israel e os subjugar por meio de uma dura servidão" (At Tm 32). A serpente tenta e envenena; sua autoridade deriva do seu parentesco com Satanás.

O discurso profético do jumentinho revela a sua proximidade com o divino e o seu humilde serviço prestado a Tomé: "Irmão gêmeo de Cristo, apóstolo do Altíssimo e iniciado nas palavras secretas de Cristo, que recebeste os seus ditos secretos, cooperador do Filho de Deus, que, embora livre, te tornaste servo e, vendido, conduziste muitos à liberdade. Parente da grande raça que condenou o inimigo e resgatou os teus, que te tornaste a causa de vida para muitos na Índia, que vieste para homens que erram e que, por meio da tua manifestação e palavras divinas, se voltam agora para o Deus da verdade que te enviou: levanta-te, assenta em mim e descansa até que entres na cidade" (At Tm 39).

Jornadas físicas e espirituais

Tomé é um estrangeiro inserido no tecido social dos reinos da Índia como um carpinteiro. O apóstolo errante, sem-teto, que não se interessa pelas coisas deste mundo, orienta as pessoas a caminharem para o seu verdadeiro lar celestial, atribuindo-lhes posições que antecipam suas vidas no céu. No "Hino da Noiva" (At Tm 6-7), cantado pelo apóstolo após as palavras proféticas que dirigiu ao mordomo que o esbofeteara, por ocasião do banquete oferecido pelo rei de Andrápolis no casamento de sua filha, Judas Tomé disfarça-se do Cristo sofredor ao reclinar-se em meio dos convidados, de modo que o banquete simboliza tanto a festa do casamento real quanto a Eucaristia.

O Hino da Pérola (At Tm 108-113), cantado por Tomé na prisão, baseado nas parábolas do Filho Pródigo (Lc 15,11-32) e da Pérola (Mt 13,45-46), conta a história, em primeira pessoa, de um rei e uma rainha que enviam seu filho a uma terra estrangeira para resgatar uma pérola de grande valor, dando-lhe uma túnica real. Ao vestir o traje da terra em que se encontrava, o príncipe esquece sua verdadeira identidade. Seus pais lhe enviam uma carta para ajudá-lo a recordar sua missão e linhagem real. Quando ele resgata a pérola e inicia o retorno para a casa paterna, descobre que seus pais lhe haviam enviado um presente, a sua roupa real, a qual o ajuda a lembrar-se da sua origem e o orienta na jornada de retorno à casa paterna, para governar sua terra junto com o seu irmão.

Conversão de reis e criação de famílias cristãs

A mensagem proclamada por Tomé desafia a ordem social e provoca a ira dos governantes locais. Tomé é aprisionado por não cumprir as obrigações de trabalho para com o rei Gundafor, pois, em vez de construir o palácio que este lhe pedira, dá o dinheiro aos pobres para construir um palácio

no céu (At Tm 20). Ele intervém no casamento da princesa e impede que o jovem casal consume a sua união. O rei, indignado, o expulsa da cidade, porque ele frustra a consumação do casamento da sua filha (At Tm 16). A sua mensagem de ascetismo é aceita pelas esposas de Carísio e Misdeu, Migdônia e Tércia, duas mulheres da classe alta, resultando na ruptura do casamento e dos costumes sociais, para a consternação de seus maridos poderosos. A esposa de Misdeu, seu filho, sua nora e o chefe do exército tornam-se leais e obedientes ao apóstolo estrangeiro. Carísio e Misdeu, os maridos rejeitados, perseguem as mulheres convertidas, cujo amor por Tomé e pelo Deus que ele anuncia subverte a ordem social e dá lugar a uma nova "família".

Tomé fala com ousadia e adverte os reis e suas famílias sobre a natureza fugaz de seu poder: "Glorias-te em riquezas, escravos, roupas, luxo e uniões impuras, mas eu me glorio na pobreza, no amor à sabedoria, na humildade, no jejum e oração, na comunhão com o Espírito Santo e na conversa com meus irmãos que são dignos de Deus" (At Tm 139). A autoridade do rei e de seus deuses é substituída pela autoridade do apóstolo e do seu Deus. Sua simplicidade e ascetismo contrastam com a complexidade e decadência do rei e da sua família. A narrativa aponta dois grupos opostos de relações sociais: o rei e sua corte, o apóstolo e a comunidade cristã. A hierarquia dos governantes terrenos que negam Cristo é subvertida, e sua cegueira contrasta com a percepção até mesmo dos animais de carga, que reconhecem o senhorio de Cristo (At Tm 39; 74).

Liturgia em Atos de Tomé

Da ruptura provocada pela conversão das pessoas, surge a criação de novas comunidades, cujos membros oram pela revelação de mistérios divinos. Juntos, eles cantam e compartilham refeições que antecipam o banquete celestial.

As prisões e situações de dificuldades são palco do drama litúrgico. Nas epicleses, que se destacam entre as formas das orações antigas, complementando a repetição anafórica "vem", encontramos o uso de epítetos para a figura divina e o pedido para que o Espírito participe da ação ritual:

> Vem, Santo nome de Cristo, que está acima de todo nome.
> Vem, poder do Altíssimo e misericórdia perfeita [...].
> Vem, Espírito Santo, purifica as suas entranhas e corações e sela-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo [...] (Atos de Tomé 27).

> [Vem, dom do Altíssimo];
> Vem, perfeita compaixão;
> Vem, comunhão do varão;
> [Vem, Espírito Santo];
> Vem, tu que conheces os mistérios do Escolhido [...] (Atos de Tomé 50).

O batismo significa nascimento não apenas como uma nova pessoa, mas o nascimento de todo um povo, de uma nova comunidade (At Tm 132). Tomé sela também as pessoas através da unção. O rei Gundafor e seu irmão Gad foram batizados e selados (At Tm 27). O chefe do exército Sifor e sua família pedem para receber o selo, "para que nos tornemos adoradores do Deus verdadeiro e sejamos contados entre seus cordeiros e ovelhas" (At Tm 131). O selo é o meio pelo qual Deus "reconhece as suas próprias ovelhas" (At Tm 26). É uma dádiva do apóstolo para aquele que crê (At Tm 120), permite a participação na Eucaristia e fornece proteção contra demônios. A unção fornece também o perdão dos pecados e afasta o adversário e inimigo da salvação (At Tm 157). Tércia, a esposa do rei, solicita ao apóstolo que ela e seus companheiros recebam o selo para frustrar os planos malignos do rei (At Tm 151).